

Regina Passos  
Bailarina e professora



# A dama do balé cearense exala movimento e astúcia a passos firmes e delicados

Dona Regina é uma dama, faz-se imperativo dizer. Leva no rosto quaisquer traços distintos de madureza e vivacidade. Traz os cabelos penteados com cuidado, um leve salto no sapato fechado e os lábios pintados pelo batom *rouge* recém retocado. Toda ela é acolhida quando entramos no apartamento. Para além de cenário para o encontro entre a Entrevista e a professora de dança, a sala ambientada nos permite entrever a natureza delicada de nossa entrevistada. Os quadros bem arranjados no espaço amplo e claro, um sem-número de sofás, poltronas e almofadas convidam à casa possíveis encontros da família numerosa. Uma aura matriarcal envolve a anfitriã, enquanto ela senta com as pernas cruzadas num sofá para quatro pessoas.

Regina Passos, no entanto, transcende a delicadeza de dama e a longevidade de matriarca. Existe um quê irrequieto na fala, como desejando prever os próximos passos à volta, a fim de se antecipar a eles. Durante a conversa, tanto nos prestigia quanto se nos escapa. Dá o tom ao curso da prosa, com o pulso rígido da professora de balé que fazia uso da pedagogia da varinha nas pernas das primeiras alunas. Quando fala de dança, é direta e objetiva, embora se levante e faça passos básicos de balé, lançando os braços pelo ar enquanto nomeia os termos franceses das posições de dança. Como quem ensina.

Casada e com seis filhos, deixou a casa aos cuidados de dona Maria José, mãe de criação, e lançou-se na empreitada de aprender balé no Rio de Janeiro. O objetivo: montar a primeira academia desse gênero de dança em Fortaleza. Após três meses de preparação, volta à terra natal e cumpre o propósito. Surge assim, em 1956, a Acade-

mia de *Ballet* Regina Passos. O que não está ainda posto nos anais desta história é que, quando a senhora Passos conversa sobre si, deixa não-dita, nem por isso menos clara, a astúcia carregada desde cedo e presente até hoje, sem a qual não seria uma personagem viva da história cotidiana da cidade.

Com certo olhar de meninice, perpassou as lembranças do período do internato, onde peralteava e depois fazia ares de boa moça para as freiras, enamoradas da menina Regina. Rememorou o corpo doído em consequência das aulas de dança no Rio – aparte a exaustão característica de todo bailarino, Regina Passos tinha vinte e oito anos quando calçou a primeira sapatilha de balé. Surpreendeu pela objetividade empreendedora, e pela quase ausência de romantismo com que desvela os dias de hoje, confessando, sem ressalvas, um relacionamento com um homem bem mais novo. A mulher vive o próprio ritmo e não parece precisar de licença.

Atrás de si não levou bandeira, para a vida pela frente não guarda ambições. Movimenta-se pela dança como poderia fazê-lo de outro modo, o impulso maior em simplesmente não estar parada. Fez do balé o enredo da própria vida, porque assim se encaminhou a história. Quem olhar Regina bem de perto poderá dizer, não sem alguma dúvida: está aí uma mulher de atos bem mais que de palavras, cuja tônica não permite senão estar sempre cercada de gente. A altivez repele, o movimento atrai, o embalo encontra o equilíbrio. Logo após a entrevista, o apartamento vazio, ela tomou a bolsa ao ombro e “é hora de ir pro batente”. Vai à academia, onde já não mais ensina.

## Ficha Técnica

**Equipe de Produção:**  
Brunco Falcão  
Camilla Carneiro  
Yuri Leonardo

**Texto de abertura:**  
Janaína Bras

**Participação:**  
Bruno Falcão  
Camilla Carneiro  
Emília Morais  
Geimison Maia  
Janaína Bras  
Mariana Lazari  
Narjara Rocha  
Priscila Tavares  
Vinicius C.S. Mota  
Yuri Leonardo

**Fotografia:**  
Alana Linhares





**Entrevista com Regina Passos, dia 29 de setembro de 2009**

**Yuri** – Pra dar início à nossa entrevista, eu queria perguntar como a dança surgiu na vida da senhora?

**Regina** – Bem, eu vou contar como surgiu mesmo, né? Eu toda a vida fui metida a dançar dentro do palco, sabe? Gostava de dançar e tudo. Mas não era nada como balé. Nada. Então, a minha prima veio do Rio de Janeiro e abriu uma academia no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Ela estudou balé a vida toda. Fazia faculdade e estudava balé. Depois que abriu a academia, no fim do ano ela fez o festival dela, mas resolveram voltar pro Rio de Janeiro. Aí ficou todo mundo dizendo: “Regina, por que é que tu não vai pro Rio? Faz um curso de balé. Tu tem muito jeito, tem técnica pra isso e tudo. Vai fazer, vai fazer”. Eu dizia: “Olha, se meu marido me deixar ir, eu vou”. Aí foi o que aconteceu: ele deixou e eu fui embora. Deixei a Tereza, a minha filha, que era a mais nova, com um ano. Ainda disseram assim: “Leva a Tereza, que ela nem sabe andar ainda, pra saber o que ela tem nas pernas”. Eu dizia: “Não. Eu vou é fazer balé”. Aí fui, fui pro Rio de Janeiro, fiquei hospedada nessa casa dessas minhas primas que tinham aberto academia aqui e fiquei fazendo aula de balé. Fiz quatro meses de aula de balé. A Tereza ficou doente e o tio Jurandir, com medo que ela morresse e eu não estivesse presente, mandou me chamar. Depois que voltei, eu ia todo ano (*ao Rio de Janeiro*) e ficava janeiro e fevereiro lá fazendo aula. Todo ano eu ia. Pra poder melhorar, né? Porque ninguém aprende balé em quatro meses, não.

**Emília** – A senhora foi pra ficar quanto tempo?

**Regina** – Eu fui pra o que precisava, né? Mas fiquei só quatro meses.

**Narjara** – Dona Regina, mas a senhora, desde a infância, já demonstrava alguma veia artística? Teve alguma influência da família?

**Regina** – A tia Lucy Barroso foi a primeira professora de Educação Física aqui em Fortaleza. Ela não era formada, mas ia pro Rio e fazia curso com pessoas de renome, voltava e fazia essa ginástica aqui. E ela todo ano juntava o pessoal da sociedade, as moças da sociedade, e fazia um festival no Teatro José de Alencar. Eu dançava toda vida no festival dela, né? Por isso é que o povo ficou dizendo assim: “Tu que já dança, que já tem noção de dança, vai pro Rio pra fazer um curso”. É por isso que eu fui.

**Priscila** – E a senhora tinha quantos anos na época?

**Regina** – Eu tinha 28 anos, casada, com seis

filhos. Era coisa muita...

**Mariana** – E era no Rio de Janeiro que era o principal lugar da dança no Brasil?

**Regina** – É eu estudei na academia da Tatiana Leskova, viu?

**Mariana** – Que era a principal?

**Regina** – É, ela era bailarina do (*Theatro*) Municipal e tinha a academia dela particular. Que todas as bailarinas do Teatro do Rio de Janeiro faziam aula lá. Agora... balé não dá dinheiro não, viu? Porque elas, além de fazerem aula lá, trabalhavam em outra atividade. Elas eram bailarinas lá do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Sempre acordavam tarde. E eu fazia minhas aulas e depois ficava olhando as delas, pra aprender mais.

**Priscila** – A senhora lembra qual foi a primeira dança que a senhora dançou no teatro?

**Regina** – Ah, não. Não me lembro, não. Eu fazia os festivais, mas eu não dançava. Eu entrava quando, por exemplo, uma menina caía doente. E eu, “pá!”, dançava no lugar dela, pra substituir.

**Yuri** – Na escola da Lucy Barroso?

**Regina** – Da Lucy Barroso. A tia Lucy toda a vida fez muito festival aqui, no Teatro José de Alencar. Sempre ela fazia os festivais, mas nesse tempo era sapateado, viu? Era rebolado. E jazz, né? O que hoje se chama de jazz. Porque, quando eu aprendi jazz, também lá no Rio, a gente fazia sentada no chão. E hoje ninguém senta mais no chão para fazer jazz. Era no chão, esticava a perna e fazia.

**Vinicius** – Eu queria só retomar essa parte da sua decisão. Queria saber se foi uma decisão difícil para a senhora tomar.

**Regina** – Foi difícil porque eu tinha seis filhos. Já tinha seis filhos nessa época. Deixei a Tereza com um ano. Ela ainda nem andava. Toda criança que a gente bota em pé, ela bota o pé na gente. Quando botava ela em pé, ela encolhia as pernas. Aí o povo dizia: “Leva essa menina pra ver o que ela tem nas pernas, porque ela não faz como toda criança faz”. Eu dizia: “Não! Ou eu vou aprender balé, ou eu vou tomar conta dessa menina. Por isso não posso levar”.

**Narjara** – E seus filhos ficaram com quem?

**Regina** – Ficaram com minha mãe. Minha mãe ainda era viva. Morava comigo. E eles ficaram.

**Geimison** – Sua mãe de sangue ou sua mãe de criação?

**Regina** – Minha mãe de criação. Você sabe que eu sou filha de uma família e fui criada por outra, né?

A indicação do nome de Regina Passos para a Revista Entrevista veio de Priscila Tavares, uma das alunas da academia de dança e parte da equipe do projeto.

A curiosidade ao redor da figura de Regina tomou conta de parte da equipe do projeto da revista. Havia ali a possibilidade de uma boa história de vida. O nome de Regina foi um dos mais votados durante a escolha dos seis entrevistados da revista.



Com o nome escolhido, a equipe de produção visitou Regina na própria academia de dança, localizada na Rua Padre Antônio Tomás, na Aldeota. Foi onde a futura entrevistada conheceu a proposta e recebeu exemplares da revista.

**Emília** – Quando a senhora foi pro Rio, a senhora já tinha planos de voltar e montar a academia?

**Regina** – Já. O plano já estava na cabeça.

**Emília** – Como foi que a senhora atinou pra montar uma academia em Fortaleza?

**Regina** – A tia Lucy tinha uma ginástica com um salão muito bom. Quando eu abri a minha primeira academia, foi no salão dela. Lá na Rua Solón Pinheiro, número 38. Naquelas casas em frente ao Parque da Liberdade (*refere-se à Cidade da Criança, no Centro de Fortaleza*). Era cada salão! As casas ali eram enormes. Nesse tempo, eu me casei numa casa dessas.

**Geimison** – E qual foi a reação do marido da senhora quando a senhora tomou essa decisão? O que ele achava?

**Regina** – Ele me deixou ir e nunca me impediu de nada. Ele só não queria que eu estivesse no palco dançando.

**Narjara** – Mas ele acompanhou a senhora?

**Regina** – Não. Eu fui sozinha. Fui pra casa dessas primas minhas que já tinham aberto uma academia aqui.

**Priscila** – Dona Regina, e lá no Rio de Janeiro, como a senhora se mantinha, com qual dinheiro?

**Regina** – Não tinha dinheiro... Era só pra pagar a aula lá. Eu pagava a aula e pronto. Passava era o dia todo na academia. Porque eu fazia aula e depois assistia aula. Porque você assistindo, você aprende também, né?

**Vinicius** – Nesses quatro meses, qual era o contato que a senhora tinha com seus familiares?

**Regina** – Bem, eu telefonava. Telefonava pra cá e tudo. Tinha contato com meu povo, com meu marido e meus filhos. Mas foi muito pouco tempo, pra fazer balé e pra aprender balé. Por isso todo ano eu passava dois meses lá no Rio de Janeiro pra melhorar.

**Janáina** – Dona Regina, a senhora falou que a vó artística veio de certa maneira com a família, com a influência da Lucy. Mas quando foi que a senhora percebeu que a dança seria realmente o trabalho da senhora?

**Regina** – Olha, eu vou te dizer uma coisa. A primeira coisa quando eu fui fazer balé (*que cha-*

**“Ajeita o pé, aí faz o pliê até lá embaixo, né? Com as costas bem retas. Eu achei aquilo tão feio! Pensei: ‘Meu Deus! Pra aprender balé precisa fazer isso’”**

Após uma conversa que durou pouco mais do que quinze minutos, Regina aceitou ser entrevistada e participar do projeto. Ela ainda ajudou a equipe fornecendo contatos que ajudariam no processo de produção da entrevista.

*mou atenção*) foi a posição que a gente faz balé. Eu vou me levantar pra mostrar pra você (*ela se levanta do sofá onde estava sentada e reproduz os passos*). Ajeita o pé, aí faz pliê até lá embaixo, né? Com as costas bem retas. Eu achei aquilo tão feio! Pensei: “Meu Deus! Pra aprender balé precisa fazer isso”. Aí, eu aprendi balé lá no Rio bem direitinho. Quando eu chegava em casa, porque eu já tinha 28 anos, era cãibra, e era todo mundo dando massagem nas minhas pernas. E eu chegava doída! (*o tom de voz se torna enfático*) Nos quinze primeiros dias eu pensei em desistir! Quando eu botava o pé em quinta posição (*uma das principais posições dos pés no balé*)... Não dava: doía tudo!

**Narjara** – E o que a motivou a senhora a não desistir?

**Regina** – As minhas primas, que deram muita força pra eu continuar.

**Priscila** – Eram quantas primas?

**Regina** – Eram três primas.

**Priscila** – Eram as que tinham vindo pra cá?

**Regina** – Tinham vindo só duas. Uma já tinha casado e tinha ficado lá. Mas as duas que vieram, voltaram pra lá. E elas que me ajudaram muito porque eu fiquei na casa delas. Sem pagar coisa nenhuma.

**Vinicius** – Por que só aos 28 anos?

**Regina** – Porque foi quando o tempo me mostrou. O povo insistiu pra eu ir fazer balé. Eu já dançava naquelas festinhas da minha tia, Lucy Barroso, e diziam: “Tu tem queda pra essas coisas. Vai pro Rio, fazer balé”.

**Janáina** – A senhora falou que os amigos da senhora falaram pra senhora ir ao Rio de Janeiro. E o cenário aqui da Dança aqui no Ceará? Como era quando a senhora foi ao Rio?

**Regina** – Olha, eu vou lhe mostrar como era o Teatro José de Alencar quando eu comecei a fazer festival lá. Não tinha lâmpada. A gente tinha que pedir no comércio as lâmpadas emprestadas. Se queimasse, pagava, tá entendendo? Não tinha lâmpada. O (*tom*) colorido (*das luzes*) era com papel celofane, que você comprava pra fazer o colorido. Não existia nada disso. O som, não tinha. Eu levava a radiola. Naquele tempo chamava radiola. Hoje não tem mais esse nome. Eu era quem botava o disco na música que era pra dançar. Mas foi assim no Teatro José de Alencar. Quando eu comecei a levar balé, a fazer balé por lá, em (*se esforça para estipular a época*) 1954, foi assim.

**Yuri** – Como era a reação do público?

**Regina** – Era boa a reação. E eu faço questão de registrar que as pessoas que faziam balé comigo eram da alta sociedade fortalezense. Eu cheguei a dar aula no Ideal (*clube frequentado por pessoas da classe alta de Fortaleza*) também. Mas eu dava aula na minha academia. Você se lembra de uma casa enorme do Ibeu (*Instituto Brasil-Estados Unidos*)? Ali eu morei. Quando eu comecei a ensinar na Rua Solon Pinheiro, eu aluguei aquela casa do Ibeu. Era uma casa na Rua Floriano Peixoto com Pedro Pereira. Imensa! E foi nessa casa enorme que eu morava e dava aula de balé lá.

**Yuri** – E foi nessa casa que a senhora come-





A viagem para o encontro da Intercom 2009 atrasou parte do cronograma planejado para as entrevistas. Mais da metade da turma tinha viajado para Curitiba, no Paraná, onde a maioria apresentou trabalhos científicos.

çou com a primeira academia?

**Regina** – Não. Eu comecei com a tia Lucy Barroso. Na Solón Pinheiro, número 38, onde ela tinha uma academia de ginástica. Essa casa que era onde funcionava o Ibeu. Quando eles saíram, eu aluguei a casa. A casa era enorme. Eu só saí de lá porque o dono da casa pediu, porque fez um bocado de pontos comerciais e pra ele rendia mais.

**Geimison** – E quais foram as dificuldades quando a senhora montou sua academia? Tinha alunas?

**Regina** – Tinha. Todo mundo gostava. Todo mundo queria fazer balé.

**Geimison** – Foi a primeira academia de balé?

**Regina** – Foi a primeira academia.

**Mariana** – Como que a senhora divulgou essa academia? Na propaganda boca a boca?

**Regina** – Não precisa divulgar, não. Você, com uma coisa assim, todo mundo, ó (*ela faz um sinal de "muito" com as mãos*), chove gente, pra dançar, pra fazer aula.

**Mariana** – Porque tinha muito interesse na época, das meninas...

**Regina** – Não, eu acho que não tinha esse interesse todo. Porque o povo não conhecia balé. Aqui ninguém conhecia balé. Aí era novidade e todo mundo ia ver.

**Narjara** – Então foi de boca em boca essa divulgação?

**Regina** – É, a divulgação é de boca em boca. Uma diz, outra diz... Aí vai. Tanto é que nunca fiz propaganda em jornal, nem em revista, nem nada.

**Vinicius** – Mas era caro fazer o curso? Era voltado pra alta sociedade, ou não?

**Regina** – Tinha um preço, não é? Mas vou lhe dizer (*ela se inclina para os entrevistadores e fala mais baixo, num tom jocoso*): o preço era R\$ 5... R\$ 5, ouviu?

**Geimison** – Mas era só a senhora que dava aula, ou tinha outros professores?

**Regina** – Não. Comecei sozinha dando aula. Depois as minhas alunas foram melhorando e elas pegaram as crianças menores pra ensinar. Eu fui divulgando a história

**Priscila** – E o material das meninas? O meio?

A roupa do festival?

**Regina** – Eu mandei comprar. Comprei malha do Rio de Janeiro. Trouxe e mandei fazer os colãs das meninas. E as sapatilhas, mandava buscar do Rio. A meia rósea também.

**Geimison** – Mas nossa equipe de produção apurou que no início as moças tinham que se lambuzar com pó...

**Regina** – Não. Tinha isso não.

**Geimison** – Não existiu isso?

**Regina** – Não. Não existia isso, não. Isso é conversa!

**Narjara** – Dona Regina, existia algum tabu em relação à participação masculina na sua academia? Tinha alunos? Tinha meninos?

**Regina** – Não... Olha, eu digo que não tinha, mas tinha umas alunas gêmeas. Duas meninas. E mais tarde uma delas veio com o filho, que tinha cinco anos, pra estudar balé. Agora o meu marido é que dizia: "Você não vai ensinar balé pra homem, não! Que você não vai virar a cabeça do povo" (*rindo*). Mas que apareceu gente pra fazer balé, isso sim.

**Emília** – A senhora comentou que a única restrição que seu marido fazia era não subir ao palco. Não subir ao palco foi uma renúncia muito grande para uma bailarina?

**Regina** – Mas eu subi. Eu levei uma vez uma dança, o Mercado Persa, e eu fui o mercador. Eu fui o mercador.

**Narjara** – A senhora fazia o papel masculino?

**Regina** – Masculino. Eu fiz o papel de mercador. Era o Mercado Persa. Aliás, essa coreografia eu trouxe do Rio de Janeiro. Do balé da Consuelo Rios (*bailarina renomada nacionalmente*), onde eu estudava balé. Aí ela fazia todo ano um espetáculo também lá no Rio. E eu quando eu ia pra lá, eu assistia a peça dela.

**Narjara** – Mas isso era por falta de bailarinos? Existiam bailarinos na época pra fazer papel masculino?

**Regina** – Não. Não tinha, não. Bailarinos, teve muito pouco tempo, né? Eu tenho rapazes aí na academia que estudam balé, que vêm aprender o plê, o primeiro plê.

**Mariana** – Dona Regina, quando a academia primeiro foi na sua casa, como ficou a sua ro-

O cronograma precisou ser reordenado. Com três contatos confirmados e dispostos às entrevistas, as equipes de produção decidiram marcar o mais cedo possível as entrevistas. Por disponibilidade, o primeiro encontro foi com Regina Passos.



Logo a equipe de produção entrou em contato com Elza Picanço, "prima" e amiga de infância de Regina Passos. Dona Elza se comprometeu em ajudar e agendou encontro com a produção.

tina? A senhora disse que era uma casa muito grande, mas influenciou de alguma maneira na rotina caseira?

**Regina** – Influenciou porque eu morava lá. Eu morava, meu marido tinha o comércio dele também lá na casa, porque a casa era enorme... E o salão de balé era lá.

**Mariana** – Mas foi isso que naturalmente influenciou as suas filhas a entrar para o balé?

**Regina** – Todas. Todas as minhas filhas e netas fizeram balé. Todas! Você vê que hoje estão espalhadas por aí. Só tem academia filial, né? A Vera (*dona da Academia Vera Passos*) é minha filha, a Michelle (*dona do Estúdio de Dança Michelle Borges*) é minha neta, a Cláudia era também (*proprietária da Academia de Dança Cláudia Borges*), faziam dança, né? Eu que comecei com o balé. Elas depois foram pro jazz, já que é mais lucrativo. O povo gosta mais do jazz do que do balé.

**Narjara** – O que a senhora acha disso? De elas terem seguido pro jazz?

**Regina** – Era um negócio que chamava muita atenção, não é? A Cláudia foi a primeira. Ela estudava na minha academia. Aí foi pro Rio e fez cursos. Nós fomos até pros Estados Unidos.

**Narjara** – E a senhora deixava os filhos com a mãe e partia pras suas viagens?

**Regina** – Ora, eu fazia minhas viagens! Não tinha problema. Deixava os meninos aí com marido, empregada e pronto.

**Geimison** – A senhora falou que cada filha da senhora se identificou com algum outro tipo de dança... Jazz, sapateado...

**Regina Passos** – É...

**Geimison** – E quem vai dar continuidade ao balé na família?

**Regina** – A Tereza está no balé. Quem dava aula para as turmas mais adiantadas era eu. Hoje é a Tereza, a minha filha.

**Priscila** – E os meninos, dona Regina, os filhos da senhora nunca tiveram interesse pela dança?

**Regina** – Não.



A conversa com Dona Elza aconteceu em seu apartamento, numa noite de terça-feira. A companheira de infância de Regina falou por cerca de 70 minutos. Arrancou sorrisos, rememorou fatos da vida da entrevistada e trouxe à tona impressões de uma Fortaleza antiga.

**Priscila** – Nem a senhora quis?

**Regina** – Não. Pra mim, se eles tivessem ido mesmo, né? Mas não quiseram, não. Aliás, com eles pequenos, ninguém iria colocar. Nos Estados Unidos é comum você ver meninas de cinco anos e meninos de cinco anos em aula de balé. Já aqui não é comum.

**Yuri** – Como era ser mãe, professora e empresária naquela época, o começo da academia?

**Regina** – Era um pouco difícil, né? Mas eu me dava muito bem.

**Narjara** – Como era a relação da mãe, professora, quando as meninas faziam aula com a senhora?

**Regina** – Ah, eu era dura! Eu vou lhe dizer: teve uma vez que eu ia fui levar um balé grande e a Vera ia fazer o papel principal. E eu tinha uma menina que estudava comigo de graça. Ela era pobre. Eu dava até a alimentação dela quando chegava o festival, porque ela tinha tendência das coxas engrossar. Eu dava toda semana leite, ovos, verdura e tudo pra ela não comer comida ruim, pra não ficar gorda. É que essas coisas a gente faz quando precisa, né? Pois é, ela que era minha primeira bailarina. Então a Vera também era a primeira bailarina. Mas a menina era simples, era pobre. Eu dava a roupa dela também. A Vera seria a primeira bailarina. Mas eu já tinha dito que a outra bailarina abriria o espetáculo no primeiro dia. E a Vera ia dançar no segundo dia. A Vera implicou: queria dançar no primeiro dia. Eu disse: "Não. Você não vai dançar no primeiro dia porque eu já disse à Sandra que ela ia dançar. E eu não vou desmoralizar a menina... Fazer um trauma". Ela ameaçou, disse que não ia dançar, que não sei o quê. Mas depois pegou o disco com as músicas, botou embaixo do braço e foi ensaiar.

**Vinicius** – A senhora era muito rígida?

**Regina** – Era. Com todas elas: filhas e netas que estudaram balé. Todas.

**Priscila** – A senhora falou que tem muita menina que dança balé há muito tempo, mas não vira profissional. E o que é que faz uma menina ser bailarina? O que é que forma uma bailarina?

**Regina** – Sim. O que forma uma bailarina é ela querer ser bailarina. Porque ninguém obriga. Porque obrigado não dá certo não. Tem de gostar. Tem de gostar pra poder fazer. Pra aprender. Tem de gostar.

**Narjara** – A senhora disse que balé não dá dinheiro, no começo da entrevista...

**Regina** – Sim. Não. Talvez academia dê dinheiro, viu? Eu digo bailarina profissional não dá porque é uma coisa muito cara. As roupas são caras. Você pensa que lá no Rio cada qual... Não. É uma roupa só para todo mundo. Uma fecha aqui, a outra fecha bem acolá, e tudo. É tudo aproveitado. O cenário é muito caro. Tudo é caro no balé. Tudo.

**Narjara** – Mas, pensando nisso, que perspectiva a senhora vê que as suas alunas, por exemplo, têm hoje em dia com o balé? A senhora acha que ser bailarina tem futuro?

**Regina** – Tem. Abra uma academia. E aí tem futuro Pra ser bailarina mesmo aqui, que aqui não tem corpo de baile, né? Aqui não tem. No



Rio de Janeiro tem, em São Paulo tem. Em todo canto tem.

**Geimison** – E o que falta pra isso dona Regina? Transformar o Ceará num pólo cultural da dança?

**Regina** – Rapaz, é as autoridades fazerem um curso pra fazer as profissionais do teatro.

**Bruno** – De onde a senhora tirava a inspiração pra fazer seus festivais no final do ano?

**Regina** – Ah, meu filho! Eu mandava buscar bailarinos no Rio de Janeiro, viu? Uma vez eu telefonei pra (*bailarina*) Tatiana Leskova, ela disse: “Regina, tem uma criatura que é bailarina. Morava em Joinville. Coitada, ela passou dois dias pra chegar aqui”.

**Vinicius** – Era verdade que a senhora se inspirava nas coreografias de Hollywood, assistia aos musicais?

**Regina** – É, a gente assistia. Mas os mais bonitos são as coreografias já antigas, né? O *Lago dos Cisnes*, entendeu?

**Priscila** – A senhora tem um balé preferido? Inesquecível?

**Regina** – Eu gosto de todo balé.

**Priscila** – Mas não tem nenhum em especial?

**Regina** – Tem o *Lago dos Cisnes*, que foi o que eu fiz com os 50 anos do balé, né? Que eu fiz a principal, era a mãe do príncipe.

**Narjara** – Tem algum festival que a senhora tenha organizado que tenha sido inesquecível, a principal montagem que a senhora tenha feito?

**Regina** – Não. A gente fazia a coisa bem simples, sabe? Não tinha cenário difícil, porque não dá. Não dá pra pessoa fazer assim. Cenários assim, montagens. Não dava.

**Camilla** – E hoje, o que mudou nessa precariedade que era antigamente? Ou não mudou?

**Regina** – É, continua a mesma coisa. Você pra fazer um balé... Eu levo todo ano um espetáculo de balé. Porque a mãe vem com uma menina pendurada no dedo diz: “Tem festival?” É a primeira coisa.

**Mariana** – Como é que surgiu essa cultura dos festivais? Como surgiu isso das academias todo ano tem de fazer?

**Regina** – No Rio é a mesma coisa. Lá Consuelo Rios, onde eu estudava, fazia todo ano um festival.

**Yuri** – Dá muito trabalho, dona Regina, fazer um festival desses?

**Regina** – Ah, dá. Muitô trabalho. Principalmente quando você quer seguir, por exemplo, um balé o *Lago dos Cisnes*. Você tem de seguir o balé como ele é. Ninguém pode fazer uma coisa que tem vontade, não. Tem de seguir a coreografia do balé.

**Yuri** – Depois de todo esse esforço durante o ano pra montar o festival, qual é a primeira coisa que passa pela cabeça da senhora quando começa o festival?

**Regina** – Mas nesse tempo, quando eu comecei, o público não é aquele público exigente, tá entendendo? Tudo o que você fazia dava certo, né? Porque não tinha conhecimento de balé. O brasileiro ainda continua assim.

**Vinicius** – Como era a dona Regina professora de balé? É verdade a história da vareta de



bambu?

**Regina** – Era, eu tinha uma varinha que o povo se queixa que eu batia nas pernas. Mas eu batia porque onde eu aprendi batia, no Rio de Janeiro.

**Vinicius** – Batia forte?

**Regina** – Não, uma catucadazinha pra esticar a ponta.

**Priscila** – É verdade que a senhora dividia as alunas entre as boas e as ruins?

**Regina** – Não. Não. Ninguém faz essa diferença, porque aí dá trauma, né? Não tem negócio de boas. As boas a gente mandava fazer uma coisa melhor, né? Mas não fazer diferença entre as alunas não.

**Emília** – A senhora comentou que as autoridades de Fortaleza não têm iniciativa pra montar um corpo de baile. A senhora chegou a conversar com algum prefeito, algum vereador?

**Regina** – Não. Não. O menino... como é o nome dele? Que a mulher dele deu aula no Teatro José de Alencar? Como é o nome dele? Não me lembro não. A mulher dele era a Terezinha. Eu fiz aula com ela no Rio de Janeiro, viu? Ela veio pra cá com ele e ela abriu uma academia no Teatro José de Alencar. Ela abriu, fez festival e tudo, mas depois desapareceu.

**Yuri** – A senhora falou com a mulher desse homem? Porque a ela tinha perguntado a questão desse incentivo que a senhora foi buscar, ou que a senhora teria ido buscar...

**Regina** – Não, eu não fui buscar ninguém fora não. Eu não entendi, qual foi a pergunta que ela fez?

**Narjara** – Ela fez sobre o apoio governamental...

**Emília** – Se a senhora chegou a procurar alguém da Prefeitura de Fortaleza, algum vereador, algum incentivo...

**Regina** – Ah, não, não...

**Geimison** – E as autoridades?

**Regina** – As autoridades, não, nunca procurei, não. Porque, quando eles querem, eles dão, não falta, quando não quer... Lá no Teatro José

Elza definiu a amiga e prima de criação como alguém com muita força e garra. Ao fim da conversa, a produção não dispensou um refrescante copo de refrigerante gelado.

A produção também tentou entrar em contato com as filhas de Regina que têm academias de dança em Fortaleza. Mal sabíamos que o segundo semestre era a pior época do ano para elas...



Ocupada na organização do festival de fim de ano da Academia de Dança Regina Passos, Tereza Passos não tinha tempo disponível para uma conversa com a equipe de produção. O mesmo ocorreu com Michelle Borges e outras parentes da entrevistada.

de Alencar, tinha um rapaz que estudou sabe com quem? Um deputado mandou um professor aqui pra Fortaleza, que dava aula lá na Avenida João Pessoa...

**Narjara** – Era o Dennis (*Dennis Gray, professor da Escola de Dança Clássica e Moderna do Serviço Social da Indústria de Fortaleza*)?

**Regina** – É, era o Dennis que veio pra cá, mas foi a mandado por um professor lá do Rio de Janeiro, um político mandou ele praí, ele abriu a academia, ele dava aula pras pessoas pobres lá e tudo. Ele fazia umas coisas bem complicadas, bem caprichadas, agora ele passou uns quatro anos, mais ou menos, quando o deputado perdeu o lugar dele, ele desapareceu, né?

**Geimison** – Dona Regina, por que vocês, donas de academias e os bailarinos mesmos, não se reúnem pra pressionar apoio, políticas públicas para o balé? É uma classe desunida? O que acontece?

**Regina** – Não, não é desunida não, é cada um no seu canto, mas, pra gente se unir pra fazer, não adianta. Nós tivemos uma sociedade, inclusive, que eu fui presidente por muito tempo, das academias de balé daqui de Fortaleza. Eu fui presidente 24 anos por aí, ou mais. A gente discutia os problemas das academias, aí vinha o pessoal de várias academias, só pra brigar, pra discutir...

**Emília** – Quais são os principais problemas de uma academia?

**Regina** – O principal problema de uma academia é a pessoa gostar de fazer balé. Quando gosta, aí vai pra frente, quando é talentosa. Porque, às vezes, a mãe bota pra fazer balé e a pessoa não tem talento e, se não tem talento, é bobagem. Geralmente todo mundo gosta muito do balé. Eu tenho alunos que estão há 10 anos comigo...

**Janaína** – A senhora acaba se relacionando com as famílias das alunas?

**Regina** – Claro, né? Tem uns que vão sempre nas viagens com as meninas e conversam bastante com a gente.

**Mariana** – Qual a idade ideal pra uma menina começar no balé?

**Regina** – Hoje em dia colocam as meninas no balé até com quatro anos. Ultimamente, o povo tem colocado até com três, mas acho loucura, viu? Porque as meninas não têm nem cabeça. Quatro anos já dá trabalho, imagine com três! Este ano as meninas de quatro anos vão dançar no festival.

**Narjara** – A senhora disse que com quatro anos já dá trabalho. Qual o tipo de trabalho que dá?

**Regina** – Bem, porque não se aquietam. Você bota sentadinha e não fica de jeito nenhum: levanta, corre, vira, faz toda danação. Quem dá aula pra os pequenos tem muito trabalho. Agora, depois de sete anos, já vai melhorando, já vai aprendendo melhor. Mas essa história de baby class, isso é novidade. No tempo que eu comecei a dar aula de balé não tinha baby class, agora que apareceu isso, coisa de cinco, seis anos atrás, mas não tinha baby class, nem nos Estados Unidos. Quando eu estive lá pra assistir o pessoal do municipal do Rio de Janeiro, eu fazia aula com o maestro Hector Zarsp, foi um grande professor. Já estive duas vezes nos Estados Unidos, sem falar Inglês nem nada, mas fui, descobri onde ele dava aula pras bailarinas.

**Janaína** – A senhora fala muito em dificuldades, de começar a academia, da sua rigidez com as alunas. O que foi que motivou a abrir a academia? Qual era o seu interesse, era pra ser o sustento da família, pra dar aula de balé ou pra promover o balé?

**Regina** – Acho que pra promover o balé na cidade, porque, no tempo que eu comecei a dar aula, ninguém sabia nem o que era balé, né? Eu tenho aí as vezes notícias no jornal de pessoas que me conheciam quando eu comecei a trabalhar e me entrevistaram e tudo, eu tenho até guardado.

**Geimison** – Dona Regina, a nossa produção apurou, vasculhando um pouco a vida da senhora, que a sua primeira experiência com dança foi em Russas (*município cearense a 160 quilômetros de Fortaleza*), numa apresentação como baiana. A senhora teve influência da sua família pra dançar? Como era esse ambiente familiar?

**Regina** – É porque quando meu pai se formou em Odontologia e o tio Jurandir se formou em Medicina, eles foram passar uma temporada no interior, em Russas e em Aracati (*cidade cearense a 150 quilômetros da Capital*), o inverno em um, e o verão no outro. Então lá, eu e minhas primas inventávamos danças. Toda criança faz um drama, quer ter um circo, andar em cima da corda. A gente inventava essas coisas. Toda criança tem a ideia de fazer uma dança. Não é o balé, é se movimentar.

**Narjara** – A senhora teve uma experiência na televisão, não é?

**Regina** – É, no canal 2 (*antiga TV Ceará, pioneira no Estado, da Rede de Emissoras e Diários Associados*), toda semana um programa.

**Narjara** – Como era?

**Regina** – Toda terça-feira tinha um progra-

---

“Professora. Professora de balé. É o que me levou na vida, ter sido professora de balé. Foi uma audácia muito grande que tive, com 28 anos, com quatro filhos...”

---

A única filha procurada pela equipe de produção que se dispôs a falar sobre a mãe foi Vera Passos. Ela nos recebeu em sua academia de dança, no bairro Dionísio Torres.



ma chamado *Na ponta dos pés*. A gente gravava dois ou três números de dança.

**Geimison** – Era ao vivo?

**Regina** – A gente ia de tarde ensaiar e ia a noite para dançar ao vivo. Às 20:00 era o espetáculo.

**Narjara** – Era em que ano isso?

**Regina** – Faz muito tempo, eu não lembro, na época do canal 2. Outro dia passou o retrospecto do canal 2 e eu apareci, né? Muito antigo.

**Priscila** – Toda semana tinham 3 números diferentes?

**Regina** – É, três números diferentes. A gente ensaiava. Eram números pequenos, na televisão não eram números grandes. Eu tenho as fotografias. Se vocês quiserem ver.

**Geimison** – Durou quanto tempo esse programa?

**Regina** – Durou o mesmo tempo que o canal 2 durou. Eu saí um pouquinho antes, tive lá um desentendimento com um funcionário de lá. As roupas das dançarinas do festival eram todas bordadas com lantejoulas, mas a pobreza daqui não deixava botar as roupas bonitas na televisão, porque diziam que estragava a peça da emissora. Então elas vestiam a blusa pelo avesso, pra não ter o brilho. Aí, quando foi um dia, eu pedi pra deixar a gente dançar com a blusa direito, porque a gente nunca dançava, aí botei. E o doido lá pegou, quando viu a blusa tirou o programa do ar. Tirou? Pois eu vou embora. Aí não levei nada.

**Yuri** – Dona Regina, diante desses improvisos as alunas ficavam desmotivadas? Como era essa relação?

**Regina** – Não, elas adoravam. Iam toda semana pra ensaiar. E eu, com o dinheiro que eles me pagavam, dava um presente para cada um. Um sapato, um vestido. Era ótimo! A gente ia de tarde, 4 horas, pra ensaiar lá no palco da tevê no canal 2. À noite, íamos dançar.

**Vinicius** – A senhora fala desse desentendimento com uma pessoa. A senhora tem um gênio forte?

**Regina** – Não, não tenho não. É porque ele tirou as meninas. Cortou o programa.

**Vinicius** – Mas de um modo geral?

**Regina** – Não, é porque ele cortou o programa, tirou do ar. As meninas já tinham começado a dançar, aí ele tirou do ar. Quando eu tirei, ele pegou uma menina de lá também que trabalhava lá e fez outro programa, mas ninguém gostou, receberam muitos telefonemas e tiraram o programa do ar.

**Mariana** – O que é que a senhora acha dessa popularização da dança clássica? Ir pra televisão, o que a senhora acha?

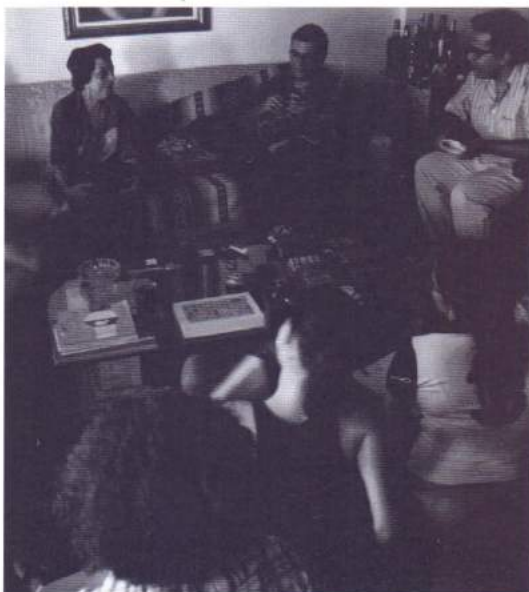
**Regina** – Eu acho bom, acho ótimo. Tudo no mundo tem de ter um incentivo, né? A televisão incentiva. Todo mundo dia de terça-feira assistia ao programa do balé *Na ponta dos pés*.

**Geimison** – Tinha uma boa audiência? As pessoas gostavam?

**Regina** – Tinha. Ora! Gostavam.

**Priscila** – A sua mãe tinha alguma ligação com artes?

**Regina** – Ela adorava. A minha mãe ia pro



Rio, na casa de parentes dela lá, ia ao teatro todo dia. Ela adorava. Eu vou dizer: muita coisa que eu fazia era criado por ela. Ela dava o nome. O número que eu fiz, *A alucinação do ego*. Tinha uma garrafa de cerveja, uma de cachaça, uma de guaraná e de cada garrafa dessa saía uma bailarina. Isso tudo foi criado pela minha mãe. Ela deu a ideia e eu executei então em dança. Tinha um rapaz que entrava, chegava perto da garrafa de cerveja e saía a bailarina de lá. Eram quatro. Era cerveja, cachaça, vinho... Foi a mãe que deu a ideia e eu fiz.

**Mariana** – Como nasce um espetáculo de dança? A ideia?

**Regina** – Bem, quem tiver cabeça boa inventa uma história. Aí faz e dança.

**Mariana** – Todo ano vocês têm um festival com uma dança nova pra academia?

**Regina** – É. Por exemplo, o festival das crianças é uma coisa mesmo criada pela gente. Esse ano o das crianças é *As ondas do mar*. Vai ter tudo no mundo pra dar oportunidade aos meninos de dançar. Porque a mãe quando vem com elas nas pontas dos dedos já é perguntando pelo festival no fim do ano, aí a gente tem de fazer todo ano.

**Emília** – A senhora disse que, quando começou, tinha na sua academia a alta sociedade de Fortaleza e comentou também que a Teresa, sua filha, passou a dar aula nos centros sociais da periferia.

**Regina** – Foi, ela dava aula no centro. Aí ela via essas meninas jeitosas e pediu: "Mamãe, deixa eu fazer essas meninas estudarem balé."

**Emília** – A iniciativa de dar aula nos bairros mais afastados foi dela ou foi algum projeto?

**Regina** – Eu nem sei o que foi, eu acho que foi dela. Mas ela ganhava com o que ela dava, viu? Agora, ela como gosta do balé, ela aproveitava. No lugar de dar outra aula, ela dava aula de balé. Ela trouxe essas meninas pra mim. Elas fizeram balé muito bem. As que eram talentosas demais quem dava aula era eu. Eu dava até alienação pra não engordar.

**Vinicius** – A senhora não dá mais aulas já há alguns anos. Como é que foi pra senhora se

A conversa com Vera durou algo em torno de meia hora. Alguns fatos vitais na vida de Regina foram apurados e serviram de base para boa parte do conteúdo da entrevista. Filha caçula, Vera também estava atarefada com a organização de festivais.

Na saída da Academia Vera Passos, a produção percebeu parte do encanto que há sobre a Dança: algumas das meninas sabiam decoradas as letras dos números, fora a empolgação e disciplina nos treinos para os festivais.



Outra grande ajuda obtida pela produção foi através da jornalista Amanda Queirós. Amanda tinha sido aluna da academia de Regina Passos durante muito tempo, além de escrever matérias relacionadas ao tema quando estava em Fortaleza.



afastar?

**Regina** – Até 2002 eu ainda dava aula.

**Vinicius** – Por que a senhora parou?

**Regina** – Porque me botaram pra fora. Disseram que eu tava muito enfezada, não podia mais estar dando aula não. Porque o povo só falava que eu batia com varinha nas pernas das meninas.

**Vinicius** – E como foi esse afastamento? Foi difícil?

**Regina** – Não, é difícil. Eu amo meu balé. Eu amo a minha profissão. Eu passo o dia lá.

**Narjara** – Qual o papel da senhora hoje na academia?

**Regina** – Não, eu só fico lá, vendo o povo, vendo as aulas. Mas não dou mais aula não. Outro dia pediram para eu dar uma aula lá, eu fui e dei. Mas não é a mesma coisa não, a gente não tem mais equilíbrio. Eu tenho 86 anos. A gente não tem mais equilíbrio. Não tem condições de dançar. Nem pra dar aula. Fui dar uma aula pra uma turma com gente de mais idade. Aí eu fui, né?

**Janaina** – Com a varinha?

**Regina** – Não, sem varinha. A varinha caiu muito. Hoje ninguém dá mais aula com varinha, não. Isso é coisa antiga. Tem um grande professor que dizia que quebrava quatro, cinco varinhas cada dia. Ele tirava a raiva dele era quebrando a varinha de dar aula.

**Yuri** – Mas a senhora parou por causa das reclamações dos pais? Acha que foi porque eles queriam proteger muito as filhas?

**Regina** – Não, não foi por causa dos pais não. Não tinha muita reclamação de pai não. Eles reclamam porque quer as filhas tudo na frente. Isso que é o problema do balé. Do balé não, de qualquer coisa. Porque a gente tem de fazer um número, elas se movimentarem. Uma hora vai uma turma pra trás, outra hora vai uma turma pra frente. Porque pai e mãe só querem a filha bem na frente.

**Emília** – E como é que a senhora argumenta com eles, conversa, convence?

**Regina** – A gente tem de fazer desse jeito.

Uma hora uma parte dança na frente. Depois vem a outra que tá atrás que é pra poder satisfazer. Senão não satisfaz.

**Priscila** – Os pais da senhora também queriam que a senhora se destacasse nas coisas, ficasse na frente? A senhora até falou que a sua mãe queria que usasse roupa diferente.

**Regina** – Não, a minha roupa diferente... É porque eu sou filha de uma família e fui criada por outra. Então a minha mãe queria que eu vestisse (*bem*). Quando eu ia pra aula de piano, que eu tinha ódio, ela dizia assim: "Regina, vá botar um chapéu". Eu dizia: "Oh meu Deus! Toda vida eu tenho que ir de chapéu!" A minha mãe era vaidosa, mandava buscar roupa pra mim no Rio de Janeiro, eu só andava de chapéu, essas coisas de mãe que dá tudo. Isso hoje não existe mais.

**Yuri** – Isso a dona Judite ou a dona Maria José?

**Regina** – A dona Maria José, a minha mãe mesmo. A Judite era minha mãe de sangue, né? E a Maria José é minha mãe adotiva. Que me adotou. Eu nunca fui nada. Eu mudei o meu nome na hora do casamento.

**Yuri** – Como é que foi isso?

**Regina** – Vixe Maria, meu pai se danou! Meu pai mesmo. Porque ele foi pra ser testemunha do meu casamento. Quando o juiz perguntou o nome que eu queria assinar eu disse Maria Regina Picanço Passos. Pronto, tirei o McDowell e botei o Picanço, que era da minha família que eu tinha sido criada.

**Vinicius** – A senhora pode explicar pra gente como é que foi a senhora morar com pais adotivos e conhecer os pais biológicos?

**Regina** – Pais adotivos, desde novinha. Eu sou a décima filha da minha mãe. Então quando eu nasci, a minha mãe de criação disse: "Judite, tu não tem condição de ficar com essa menina aqui. Eu vou levar ela lá pra casa e aí tomo conta dela e tudo." Quando chegava dia de domingo elas sempre almoçavam juntas. Aí diziam: "Judite, cadê a Regina. O McDowell vem aí do Rio de Janeiro e quer ver a menina em casa." Ela dizia: "Não, meus filhos estão todos gripados. Se eu trazer a menina ela vai gripar." Assim eu fui ficando. O meu pai às vezes estava em uma reunião, com todo mundo, quando o meu pai de criação dizia: "Minha filha quem é aquele velho ali?" Era o meu pai verdadeiro. Eu dizia: "É o Dr. McDowell." O papai ficava todo feliz. Porque eu não dizia que era meu pai. Dizia Dr. McDowell pro meu pai verdadeiro.

**Geimison** – Mas qual a relação da senhora com a família de sangue? Não manteve nada?

**Regina** – Não, é porque elas foram internas, e nós fomos internas na (*Irmãs*) Salesianas, o primeiro colégio aqui de Fortaleza de freiras, na Avenida João Pessoa. Nós fundamos aquele colégio. Quando a gente foi pra lá era uma casa antiga. Depois que fundaram o colégio. O meu pai verdadeiro botou as duas filhas e o meu pai de criação achou que como ele tinha botado as duas, eu devia ir. No meu livro da minha vida eu discordo. Porque eu tava cobrindo uma lacuna na família dele. Eu fui porque eles não tinham

Uma edição do programa "Crônicas do Ceará", produzido pela TV Ceará, e o livro *A Dança Possível: Ligações do Corpo numa Cena*, de Rosa Primo, também foram objetos de estudo para a produção.



filho. Eu fui cobrir uma lacuna. Aí me internam com 11 anos. Eu era muito nova pra ser interna. Quando meu pai morreu, eu tinha 15 anos. Eu cheguei para mamãe e disse: "Mamãe, quem queria que eu estudasse piano era o papai, e, agora que ele morreu, eu não estudo mais piano".

**Priscila** – E continuou no colégio?

**Regina** – Continuei no colégio. Passei quatro anos nas Salesianas. Depois eu fui pra Escola Doméstica São Rafael, que era aquele estilo antigo, dona de casa, que fazia almoço, aquele estilo antigo que fazia tudo. Aprendi a pintar, bordar, fazer tudo.

**Emília** – E a senhora gostava dessas aulas?

**Regina** – De tudo. Eu tinha aula de tudo. Gostava e me identificava. Às vezes eu ia até pra cima do telhado pra dar adeus pro povo que passava.

**Narjara** – Como era seu comportamento na adolescência?

**Regina** – Eu era o cão! Eu era danada demais. Quando estudava nas Salesianas, eu vivia de castigo. Porque eu era muito danada. E quando eu fazia uma danação eu corria pra diretora pra contar do meu jeito. Quando a irmã ia reclamar eu já tava lá. A diretora dizia: "A bichinha já tá aqui comigo." Eu ficava era com ela ali na frente passeando. Eu corria. Eu era interna, mas no colégio quem tocava o sino era eu. Quando terminava as aulas, eu ia correndo tocar o sino.

**Narjara** – A senhora lembra de algum episódio que aconteceu?

**Regina** – A gente tomava banho de camisola. Com aquela roupa de banho. Então, nesse tempo tinha o Ideal na Avenida João Pessoa. O colégio levava a gente pra tomar banho na piscina do Ideal. E eu ficava desfilando na borda da piscina com a roupa que tinham feito pra mim bem curtinha. As irmãs ficavam danadas e me empurravam pra dentro da piscina porque eu ficava só na borda desfilando.

**Narjara** – Eram só meninas no colégio?

**Regina** – Só meninas no colégio. A gente ia do colégio lá pro Ideal, que naquele tempo era o Ideal Clube, o Ideal começou lá. A gente ia na fila com as irmãs. Pra tomar banho na piscina.

**Mariana** – Passava a semana inteira?

**Regina** – Não, a gente voltava no mesmo dia.

**Mariana** – Não, no colégio.

**Regina** – O colégio era rigorosíssimo! Não podia nem sair. Meu pai fazia as maiores caduquices comigo. Mandava aqueles sorvetes antigos que a gente batia assim (*faz gesto com as mãos, mostrando como preparava os sorvetes antigos*). Vocês não conhecem não. Mandavam fruta, mandava tudo. Eu dava a merenda do colégio. Era coisa simples de quem não tinha filho e criava o filho dos outros.

**Narjara** – E as famílias eram amigas?

**Regina** – Eram amigas, muito amigas. Tanto amigas que uma tomou a filha da outra.

**Vinicius** – Então isso nunca foi um problema?

**Regina** – Não, graças a Deus eu nunca criei problema. Agora eu vou lhe dizer uma coisa. Eu quando entrei no colégio, antes do ginásio, eu

assinava com o nome dos pais de criação. Maria Regina Barroso. Quando eu fui pro ginásio, tive de botar o meu nome McDowell. Eu tinha horror! Eu ficava assim na aula (*faz gesto mostrando que ficava atenta*). Quando o professor ia fazer a chamada eu ficava assim na aula. O professor falava: "Hoje eu vou fazer a chamada com o nome que é para eu conhecer". Quando ele dizia: "Ré...", eu gritava presente que era pra ele não dizer o meu sobrenome, porque eu não queria que ninguém soubesse. Eu entrei no colégio com um sobrenome, aí me chamavam de rejeitada. Depois tinha outro sobrenome que era do meu pai legítimo. Eu não podia ficar com um nome que não era meu.

**Yuri** – E o seu pai legítimo era estrangeiro?

**Regina** – Não, não. Não era, não. Alias, a minha Carteira de Identidade é muito engraçada. Eu estou escrevendo a minha vida. Eu escrevo "Quem sou". Eu boto a carteira de identidade Maria Regina Picanço Passos, filha de João McDowell Guerreiro Lopes e Judith Moura Lopes. Olha como é minha Carteira de Identidade. Eu não gosto de mostrar minha Carteira de Identidade. Porque não tem meu nome, o que é o que eu sou. Porque eu sou filha de McDowell Guerreiro Lopes e Judith Moura Lopes e meu nome é Maria Regina Picanço Passos. Eu não gosto de mostrar minha Carteira de Identidade. Quando eu chego num hotel que pedem minha Carteira de Identidade eu fico triste. Porque eu não gosto. O pessoal fica lendo e pensa: "O que é isso? Filha de um, filha de outro?" Porque o meu pai, na hora do casamento, o juiz perguntou qual era o nome que eu queria assinar. Eu disse Maria Regina Picanço Passos, que era da família que me criou.

**Mariana** – Mas a família dos seus pais de sangue, a senhora teve alguma relação com os irmãos?

**Regina** – Tinha relação com eles. Ia na casa deles. Essas coisas a gente acaba se habituando. Mas era assim.

**Mariana** – Mas os seus irmãos, a senhora chegou a ter alguma convivência?



A equipe de produção também não hesitou em vasculhar o acervo dos jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo*. Notas nas colunas sociais e na agenda cultural apresentaram o maior número de referências sobre a entrevistada.

O conteúdo que seria abordado na entrevista foi discutido no dia 22 de setembro. Todos estavam ansiosos com a primeira entrevista da edição 23 do projeto. O "diálogo possível" acontecerá na quinta-feira da mesma semana, dia 24.



A pouco menos de três horas do encontro entre a turma e a entrevistada, a equipe de produção foi alertada por telefone que a entrevista não poderia acontecer naquele dia.

**Regina** – Tive muita convivência. Eles moravam na (*rua*) Senador Pompeu na melhor casa da Senador Pompeu. Era de dois pavimentos. Mas na frente não aparecia não. Eles tinham 2 quartos enormes. Tinha escada, tinha tudo. Eu ia muito pra lá pra casa deles. Eu fiquei sócia delas. Eu estudei com elas, com minhas duas irmãs. Quando me chamaram de injeitada (*ela quer dizer rejeitada*) eu ficava danadinha da vida.

**Narjara** – A sua prima Elza contou uma história que a senhora dizia “Filha do McDowell é você”, quando te chamavam de filha do McDowell.

**Regina** – Era, eu tinha raiva. Eu não gostava. Até hoje eu não gosto de mostrar minha Carteira de Identidade.

**Priscila** – Mas a senhora guarda rancor dos seus pais?

**Regina** – Não. Não guardo rancor. Eu às vezes chegava pra minha mãe e dizia: “Você me deu...”. A Cláudia dizia: “Mamãe, não diga isso com a vovó não que ela fica tão sentida”. Minha mãe dizia: “Eu não lhe dei, você foi tomada”. Eu fui tomada. Eles nunca me deram não. Eu fui cobrir uma lacuna numa casa que não tinha filhos. Eu não gostava de mostrar minha Carteira de Identidade por isso.

**Geimison** – A senhora parece que tem um grande carinho pelo seu pai de criação. O jeito que a senhora fala dele. Inclusive tem uma história que ele deixou a senhora namorar com um cadete militar. Pediu pra namorar só pra não fazer desfeita. Como era a relação de vocês?

**Regina** – Eu era muito danada. Era namora-deira. Namorava com aluno do Colégio Militar.

**Geimison** – Que naquela época não podia...

**Regina** – Era muito importante você namorar com um aluno do Colégio Militar. Era coisa muita! Pois é, eu era assim, eu era danada, muito danadinha!

**Narjara** – Mas e a relação com o pai? Como era a relação com o pai adotivo?

**Regina** – Não, eu até conto isso no meu livro. O papai gostava muito de criança, ele, quando vinha do consultório dele, trazia aquelas tampinhas de cerveja pra meninada pra distribuir pros meninos que moravam ali perto. Ele trazia pra eles e eu ficava morrendo de ciúmes. Saía lá da

---

“(...) eu digo a minha idade porque eu não aparento a minha idade. O que adianta? Quando digo que tenho 86 anos, todo mundo fica admirado”

---

A equipe de entrevistadores se reuniu às 14h do mesmo dia. Alguns ainda não sabiam do imprevisto que tinha tudo pra ser uma grande ducha de água fria sobre a equipe – no entanto, o professor Ronaldo Salgado incentivou a turma a não deixar a peteca cair.

janela que ele tava com os garotos pra dar as coisas e eu chorava. Ficava enciumada porque ele gostava muito de criança. E eu ficava com ciúme deles, chorava até.

**Geimison** – Apesar de a senhora ter sido a escolhida dele pra ser filha, né?

**Vinicius** – E eles nunca tiveram filhos em casa não é?

**Regina** – Não, só eu.

**Yuri** – Foi por isso que o nome do seu primeiro filho foi Américo?

**Regina** – É... (*acena com a cabeça, concordando*) Américo foi o primeiro filho.

**Janaina** – Eles (*os pais adotivos*) direcionaram sua educação para alguma vocação?

**Regina** – (*adianta-se na resposta*) Não. Eu tenho... Eu gosto muito de guardar as coisas, ouviu? Eu tenho uma carta do meu pai, quando foi para o Amazonas (*Regina explica que o avô dela, pai de Américo, era dono de um seringal no Estado*). Papai foi para lá e fez uma carta para mim. Dizia assim: “Minha querida filha Regina, um beijo do seu pai pelos seus três anos”. Eu tenho essa carta aí (*guardada*) e vou botar no meu livro. (*Regina junta as mãos, enfática. Volta-se aos entrevistadores*) Acredita que eu ainda tenho essa carta? Tá ali, em cima daquela mesa (*aponta para a mesa da sala*)...

**Emília** – E esse livro? Foi a senhora que teve a ideia de escrever?

**Regina** – É, eu estou escrevendo.

**Emília** – Quando foi que a senhora começou a escrever?

**Regina** – Coisa de um mês, dois...

**Emília** – Por que a senhora resolveu escrever?

**Regina** – É porque minha vida é muito cheia de problemas, ouviu? Muita coisa: uma filha que foi criada por outro, sabe como é? Tive muita coisa, sofri muito por problemas familiares... Quando meu pai morreu (*ela explica que o pai de criação, Américo, faleceu com 42 anos de idade após retornar do Amazonas, vítima de apendicite supurada*), o enterro foi de carregar o corpo nas mãos, de tão querido que era! Quando diziam que faltava gelo no hospital onde ele estava, os amigos dele vinham todos com gelo de geladeira e tudo mais! Papai passou 30 dias internado e se operou três vezes. Eu completei quinze anos de idade no dia em que ele estava internado no hospital. Fiz quinze anos no dia 22 de janeiro e ele morreu no dia 31 de janeiro.

**Narjara** – A gente sabe que a sua vida foi marcada por algumas perdas. Como essa parte da sua vida influenciou na sua carreira?

**Regina** – Eu me acho uma pessoa muito resolvida... Quando eu quero as coisas, consigo.

**Geimison** – E como a senhora fez pra superar essas coisas e continuar com a vida?

**Regina** – Pois é, continuar a vida... Eu casei com 18 anos, bem nova. Eu namorava com ele, o Luiz (*Luiz Passos, primeiro marido de Regina*), e a minha tia chegou pra ele perguntando “Luiz, você tem intenção de casar com a Regina?”. Ele disse “Tenho”. (*retoma a fala da tia*) “Pois casa logo pra tirar essa menina dessa confusão”. Porque o meu pai (*legítimo*) queria mandar em



mim, já que meu pai de criação tinha morrido. Tô dizendo que no dia do meu casamento ele foi lá assistir, e quando eu disse que queria meu nome como Maria Regina Picanço Passos, ele se levantou e foi embora. Saiu. Me deserdou. A minha irmã mais velha tinha recebido uma parte de dinheiro (*da herança*) e me deu. Mas ele, ele mesmo, me deserdou. O dinheiro eu torrei todo comprando o enxoval da Cláudia (*uma das filhas*).

**Geimison** – A senhora se sentia preparada para esse casamento ou foi por necessidade, pelas circunstâncias?

**Regina** – Não... Eu me casei porque quis! Eu gostava do meu marido. Era meu namorado e eu gostava dele. E casei com 18 anos. Hoje ninguém casa com 18 anos, só casa com 20 e pra lá!

**Priscila** – Como foi que a senhora conheceu o seu marido?

**Regina** – Ah, minha filha, nas festas do Clube dos Diários, do Clube Iracema (*antigos clubes sociais localizados na Praia de Iracema, quase à Beira-mar*)... Eu dançava a noite inteira com um, com outro, com um, com outro; aí ele chegou e disse assim “Você não vai dançar com mais ninguém. Você vai dançar só comigo”.

**Mariana** – E ele era do Colégio Militar?

**Regina** – Não, não... (*risos*)

**Narjara** – Como era o seu casamento? Era muito feliz?

**Regina** – Foi. Eu casei na igreja no colégio onde eu estudava, na Escola Doméstica São Rafael. A minha mãe era muito vaidosa e fez uma mesa (*parte da decoração*) lindíssima pro meu casamento. A vaidade dela era tão grande que ela tirou retrato só da mesa, sem eu estar perto e com o meu marido, olha! (*risos de todos*) Quando eu comecei a fazer festivais e tinha qualquer detalhe bonito na roupa das meninas, era ela quem fazia. Ela dava a ideia, fazia... Minha mãe era muito boa, tinha a cabeça muito boa.

**Narjara** – E a convivência com o seu marido?

**Regina** – Eu vivia bem com meu marido, mas... Ele era ciumento demais! Eu ia para as festas e, de vez em quando, voltava brigada. Ele achava que eu estava olhando para aqui, acolá, aqui, acolá, era um homem ciumento.

**Geimison** – Antes de montar a academia a senhora era só dona de casa mesmo, não é?

**Regina** – Só dona de casa, com os quatro primeiros filhos, você já pensou? Tinha três babás! Porque não dava pra cuidar sozinha.

**Mariana** – O seu marido trabalhava com o quê?

**Regina** – Ele tinha um comércio no Centro, na Praça do Ferreira, no tempo da guerra (*Segunda Guerra Mundial*). Os brasileiros tinham raiva porque os norte americanos frequentavam muito lá. Eles diziam que ele (*Luiz, marido de Regina*) dava preferência para os americanos. Não dava preferência! Eles eram quem iam pra lá!

**Priscila** – Dona Regina, a senhora disse que a sua mãe era muito vaidosa. A senhora também é muito vaidosa?

**Regina** – Não, mas não gosto de estar mal

vestida, não... (*sorri*) Tenho minhas vaidadezinhas, mas não sou muito vaidosa (*ênfatiza*). Vaidosa é a Cláudia, minha filha, que ali é... Ave Maria! É a vaidade em pessoa.

**Janáina** – Uma bailarina precisa ser vaidosa?

**Regina** – Não. Não tem nada a ver.

**Geimison** – O seu marido perdeu a visão muito cedo. Como foi esse período?

**Regina** – Isso foi muito ruim, porque a pessoa que vai perdendo a visão... Ele foi duas vezes para o sul (do Brasil) e não teve jeito, ele perdeu mesmo a visão. Agora, ele tirou proveito. Depois que ele se conformou, ele tirava proveito. Ele passava dinheiro... ele tinha uma casa comercial...

**Geimison** – Ele continuou trabalhando?

**Regina** – Continuou trabalhando. Nunca deixou de trabalhar. E ele conhecia o dinheiro. Ninguém enganava ele. Agora, foi uma coisa muito ruim pra mim. O doutor chegou pra mim e disse: “O Luiz vai ficar cego porque ele vai perder a visão aos poucos”. Você tinha de ter cuidado com ele, de se prevenir, sabe? Por exemplo, no aniversário de 15 anos da Cláudia, ela debutou no Ideal Clube. O Luiz dizia assim: “Eu não vou dançar com a Cláudia. Manda o Américo (*filho mais velho*)”. Eu dizia: “Não! Quem vai é você!”. Eu ia antes da festa, no Ideal, mostrava pra ele o percurso que ele iria fazer, como pegar a Cláudia e dançar com ela. Nunca deixou de dançar. A gente brincava carnaval, se fantasiava, eu e ele, e brincávamos a noite todinha ali no Ideal.

**Geimison** – Então vocês arrumaram um jeito de fazer tudo normal...

**Regina** – É, fazia tudo normal, pra ele não se sentir mal... No começo ele sofreu.

**Vinicius** – Isso foi na época quando a senhora foi pro Rio de Janeiro?

**Regina** – Não, não, não... Ele começou a perder a vista depois que eu cheguei, depois que eu já tinha a academia. Quando eu produzia o festival, ele tinha uma caminhoneta, um caminhãozinho pequeno. Eu fazia os ensaios à noite e depois colocava a meninada todinha dentro daquele caminhão e ele saía distribuindo as meninas, levando em casa. E a briga? As meninas diziam assim “Vai primeiro pra Aldeota!”, “Não! Primeiro vai pro Benfica!”, porque ninguém

---

“Disseram que eu tava muito enfezada, não podia mais estar dando aula. Porque o povo falava que eu batia com varinha nas pernas das meninas”

---

Um telefonema na sexta-feira seguinte recuperou o contato com Regina Passos. A entrevista tinha sido adiada para as 14h30min da terça-feira seguinte, dia 29 de setembro. Na manhã do dia de véspera, outro telefonema confirmaria a entrevista.

O grupo de entrevistadores se dividiu em dois carros. Encontraram-se em frente à Academia de Dança Regina Passos. O professor Ronaldo Salgado apareceu minutos depois, a pé no sol quente, não deixando se debilitar pela gripe que o perseguia há dias.



Regina recebeu um grupo de doze pessoas na espaçosa sala do seu apartamento. Todos sentaram confortavelmente no sofá, em cadeiras ou no chão, apoiados sobre almofadas. Gravadores ligados. Era a hora de conversar com nossa entrevistada.

queria ir pra casa primeiro, só queriam ser as últimas. Queriam todas irem na brincadeira! E ele (Luiz) ia deixar as meninas. Ele me apoiou muito com o meu pessoal. Ele não enxergava, mas ia toda vida que tinha festival e ficava na porta, cumprimentando todos.

**Narjara** – Foram quantos anos de casamento?

**Regina** – Trinta e tantos anos... Eu não sei nem direito, ouviu?

**Narjara** – A senhora casou novamente?

**Regina** – Eu tenho um "gato" (*risos de todos*). Tenho um gato aqui dentro de casa. É novo. Eu tenho duas vezes a idade dele, duas e uma coisinha. Eu tenho 86 anos e ele uns 46...

**Narjara** – E como é a dona Regina mãe? Como é a relação da senhora com as suas filhas?

**Regina** – É muito boa a relação. Hoje em dia é que não é boa, não. Porque eu estou com este gato dentro de casa, aí elas não gostam.

**Priscila** – As filhas não gostam?

**Regina** – Ninguém gosta.

**Narjara** – E como foi a educação que a senhora deu a elas?

**Regina** – Ah não, minha filha... Eu fui uma mãe que resolvia todo problema que elas tinham na vida. Monetariamente (*gesticula, expressando dinheiro, valor*), eu resolvia.

**Priscila** – A senhora ficou sustentando tudo com o dinheiro da academia?

**Regina** – Eu ganhava só com a academia. E eu viajava duas vezes por ano. (*Regina faz uma pausa e retoma, com tom de voz alto*) Naquele tempo em que o balé era R\$ 5, a gente ganhava muito mais dinheiro! (*sorri*) Começou desse jeito. Nesse tempo R\$ 5 (*ela fala reais só para explicar, mas a moeda era outra, era cruzeiro*) era muito dinheiro! Tô dizendo, que viajava duas vezes por ano. Toda vida! Ia pra Europa, pra aqui, pra acolá. E ainda tinha uma coisa: o meu agente de viagens não me deixava ir viajar com outra pessoa no meu quarto. (*Faz a voz do agente*) "Não! A senhora vai é sozinha no seu quarto".

**Janaína** – (*aponta para um conjunto de caixas de madeira organizadas sobre a mesa de vidro na sala*) Essas caixinhas são todas de viagens?

**Regina** – É. Tudo de viagem. As caixinhas... Eu adoro caixinha!

**Mariana** – Dona Regina, eu gostaria de entender como foi que a academia saiu da sua

casa, na (*rua*) Sólón Pinheiro e veio ser aqui na Rua Padre Antônio Tomaz.

**Regina** – Não... Da (*rua*) Solón Pinheiro, ela foi pra Rua Pedro Pereira, que era nessa casa do Ibeu. Era bem grande. Eles pediram a casa e eu tive de entregar, porque eu não era dona da casa. Daí eu fui pra Avenida 24 de Maio. Vocês conhecem as casas da 24 de Maio? São umas casas pequenas, né? A minha casa era de dois andares. E atrás dela, derrubei as fruteiras que tinha e fiz a academia de balé. (*levanta a voz, enfática*) Eu passei um ano morando aqui e indo dar aula lá na Avenida 24 de Maio. Um ano. Aí ganhei dinheiro e fiz o primeiro salão de balé aqui (*na Rua Padre Antônio Thomaz, onde a academia permanece*). Fiz o segundo salão. Depois vendi minha casa. Aterrei a piscina daqui e fiz o terceiro salão.

**Yuri** – E com as filhas saindo da sua academia, crescendo e montando as próprias escolas de balé? A senhora encarava isso como um passo delas de independência?

**Regina** – Não... A Cláudia me ajudava no começo e depois foi fazer jazz e sapateado, abrindo a academia dela. A Tereza é quem trabalha comigo, e a filha dela também trabalha comigo, a Rochelle, e a Juliana...

**Geimison** – Dona Regina, a senhora falou das suas viagens ao Rio de Janeiro e isso me fez lembrar de uma certa discussão entre a senhora e o Hugo Bianchi (*bailarino*). A senhora nunca teve uma boa relação com o Hugo Bianchi? Como era?

**Regina** – Nós nos damos. O Hugo Bianchi... Uma vez eu precisei de um bailarino e ele veio dançar na minha academia. Eu precisei. E você sabe que negócio de bailarino aqui é coisa muito recente, né? E ele veio num balé que eu fiz, dançou até com a Ana Luíza (*uma das filhas*).

**Priscila** – A Ana Luíza não virou bailarina, não é?

**Regina** – É a única que não deu pro negócio. (*sorri*) O negócio dela é outro. É bar, é outro...

**Narjara** – Então não existe esse tipo de controvérsia entre a senhora e o Hugo Bianchi?

**Regina** – Não! Não existe, não... Nós nos damos. Nos damos. Eu me dou com ele. Uma vez eu recebi uma homenagem no Teatro José de Alencar e quem foi me entregar foi o Hugo.

**Narjara** – Na época circulou na mídia esse embate (*Uma entrevista com o bailarino Hugo Bianchi veiculada no jornal O Povo em 3 de outubro de 1987 causou certo desconforto entre*

Devido ao calor intenso que afetava a cidade naqueles dias, as janelas da varanda foram abertas. O barulho do intenso tráfego de veículos na Rua Padre Antônio Tomás invadiu as gravações, mas nada que prejudicasse por completo a coleta de áudio.





os dois na época). Como a senhora acha que se deu isso?

**Regina** – Não sei. É porque o povo daqui é assim... As profissões, né... Eu fui a fundadora do balé em Fortaleza, mas o Hugo trabalhava nas residências do povo mais *society* e tal, e ele inventava umas danças, umas coisas, nas residências. Então, depois eu apareci com o balé e abri uma academia mesmo... Mas eu não tô dizendo que tenho algo contra ele, não. Tô dizendo, que recebi uma homenagem e quem foi me entregar foi ele.

**Narjara** – Tem alguma coisa na Dança que a senhora não fez e gostaria de ter feito, algum sonho não realizado?

**Regina** – Eu acho que o sonho que eu queria era ensinar balé. Gostei de ensinar. E agora eu quero que meu enterro saia de dentro da academia. *(Regina faz uma pausa. Retoma)* Eu já paguei o meu enterro!

**Geimison** – Mas a senhora parece que não vai morrer logo, não, né?

**Regina** – Não! *(as risadas preenchem a sala)* Mas eu já disse que eu quero que o cortejo do enterro saia de dentro da academia. Porque ali foi minha vida! É verdade que não foi toda a vida ali, né? *(Regina relembra como mudou a academia da Avenida 24 de Maio para a atual localização na Rua Padre Antônio Thomaz)* Ali tudo eu fiz com o meu trabalho.

**Vinícius** – A senhora se sente reconhecida no Ceará?

**Regina** – Olha, eu acho que sou, porque o povo vive atrás de mim pra me entrevistar *(sorriso)*. Eu já fiz entrevista de todo jeito. Fiz uma entrevista no Canal 5 *(Regina foi tema de uma edição do programa Crônicas do Ceará, exibido pela TV Ceará)* e de vez em quando exibem. Eu só vejo o povo dizendo: "Hoje te vi na televisão"!

**Yuri** – Por que a senhora acha que a academia deu certo?

**Regina** – Porque era uma coisa nova! Deu certo por isso, porque não tinha em Fortaleza. Deu certo, muito certo...

**Narjara** – E por que dá certo até hoje?

**Regina** – Mas hoje tem umas cinco academias de balé, né? Agora, esse povo aí tem tudo no mundo: tem balé, tem jazz, tem sapateado, tem dança de rua, tem tudo no mundo... Eu só tenho balé. Minha academia só tem balé.

**Priscila** – Parece que a senhora sem o balé...

**Regina** – *(Ela se antecipa na resposta)* Não vivo, né? *(sorriso)*

**Priscila** – A senhora consegue se imaginar fazendo outra coisa?

**Regina** – Não. *(pausa)* Eu fui uma mãe muito dedicada aos meus filhos. Por exemplo, a Cláudia, no primeiro aniversário dela, eu dei doze vestidos para ela. Feitos por mim, bordadinhos por mim, com bainhazinha, essas coisas. Fui uma mãe muito dedicada, mas quando resolvi ir pro balé, resolvi mesmo.

**Emília** – Houve uma troca? De a senhora ter dado sua vida ao balé, e o que ele deu em troca?

**Regina** – Ah, o balé trouxe tudo pra minha vida. Porque tudo o que fiz na minha vida foi

---

## “(O marido) nunca deixou de dançar. A gente brincava Carnaval, se fantasiava, eu e ele, e brincávamos a noite todinha ali no Ideal”

---

por causa do balé. Eu acho que a pessoa mais entrevistada dessa terra sou eu. *(sorriso)* Já dei entrevista pra todo mundo. Eu já não aguento mais, porque toda hora é uma entrevista, é uma entrevista...

**Geimison** – E o balé deu essa vitalidade...

**Regina** – É, graças a Deus! Não tem quem diga que eu tenha 86 anos. E ninguém diz, não. Eu tenho uma cunhada que vem muito pra cá e diz *(ela reproduz num tom de reprovação)*: “Vixe, tu diz a tua idade?”. Eu digo “Mas eu digo a minha idade porque eu não aparento a minha idade”. O que adianta? Quando digo que tenho 86 anos, todo mundo fica admirado, porque ninguém me dá 86 anos! Ninguém! Ninguém!

**Geimison** – E pela conta que eu fiz aqui, a senhora só veio se “aposentar” aos 79 anos. Deixou de dar aula aos 79...

**Regina** – Foi. Dona Tereza que disse que eu estava muito enfezada com as alunas. Eu não devia ter deixado! Tem duas coisas que eu tenho raiva. Ela ter feito eu ter deixado de dar aula, porque eu devia ter resistido, dito: “Não, eu vou continuar. Quer queira, quer não queira. Eu vou continuar”. Isso aí eu me arrependo. E outra coisa era um retrato meu de malha, com a perna na barra, que tinha lá na academia... Ela tirou meus retratos e botou fora. Ela me deu um retrato muito bom, mas eu queria um como eu fui: foi com meu balé que eu ganhei dinheiro.

**Janaina** – Falando dos seus retratos na academia, quando a senhora decidiu abrir, teve alguma dúvida em colocar o nome da senhora no lugar?

**Regina** – Academia de Balé Regina Passos. É meu nome mesmo. Desde o começo. Aliás, quando comecei as primeiras aulas não tinha nem nome. O jornal e o pessoal que ia me entrevistar chamavam Academia de Balé de Fortaleza. Depois foi que eu coloquei o nome mesmo, Academia de Balé Regina Passos.

**Mariana** – E a senhora nunca pensou em colocar outros estilos de dança na academia?

**Regina** – Não... Porque minha história é com o balé, daí só tinha balé mesmo. Eu tinha de manhã, e tenho até hoje, uma ginástica. Mas já dei pras alunas fazerem, porque não tenho participação nenhuma. Era às 6 horas da manhã, e ainda tem. Dou salão, dou som, dou tudo. Não ganho dinheiro com isso, nem nada.

Os primeiros momentos da entrevista revelaram a ansiedade dos entrevistadores. Ronaldo não se conteve e aproveitou a primeira troca de fitas do seu gravador analógico para alertar a turma que 69 perguntas haviam sido feitas em 30 minutos de entrevista.

Após o freio, a turma seguiu com maior tranquilidade, dando mais tempo para a entrevistada raciocinar. A espera e o silêncio nas respostas permitiram Regina ficar um pouco mais à vontade com os entrevistadores.



Cautelosos com os temas mais delicados na vida de Regina, os entrevistadores foram surpreendidos por uma mulher aparentemente bem resolvida com muitas coisas de sua vida pessoal.

**Mariana** – Já as suas filhas têm academias com outros estilos...

**Regina** – Ah, a Cláudia tem. Ela me ajudava no balé. Foi pro Rio e fez jazz e sapateado, e abriu a academia de jazz e sapateado. Porque dá muito mais lucro...

**Mariana** – E vocês nunca tentaram juntar tudo isso numa grande academia, uma “Academia Passos”?

**Regina** – Não, não (*sorri*)... A Cláudia nem tá mais com academia, ela está com uma musculação. Dá muito trabalho (*ter uma academia de balé*)! A pessoa precisa ter muito amor à Dança pra poder levar uma academia. Porque o festival tem de ser todo ano. E as mães só querem as filhas bem na frente. É. Dá muito trabalho, viu? E muito problema.

**Narjara** – Sobre a sua academia, a senhora espera que passe de mãe pra filha, de neto pra bisneto?

**Regina** – É... É da Tereza, não é? Ela é quem dá aula e tudo. Futuramente é dela.

**Emília** – Mas a senhora pretende participar mais efetivamente da academia?

**Regina** – Não. Da academia, eu só participo... Eu fico lá... Tem a secretária, né? Presto contas, todo dia. E tô lá, conversando com as mães das meninas, com as meninas e tudo. Mas não tenho muita participação, não.

**Geimison** – E tem muita mãe que foi sua aluna?

**Regina** – Ora! Demais! (*sorri*) Eu não posso sair na rua que vem alguém e diz: “Eu fui sua aluna”. As velhas todinhas foram minhas alunas (*risos de todos*).

**Narjara** – E a senhora reconhece as antigas alunas?

**Regina** – Às vezes eu nem reconheço, viu... Quer dizer, passou por mim, mas eu não me lembro. Mas todo canto em que eu vou tem alguém dizendo: “Eu fui sua aluna, você não lembra de mim, mas fui sua aluna”.

**Vinicius** – Dona Regina, quais os principais objetivos da senhora atualmente?

**Regina** – (*ela faz uma pausa, reflete, e responde*) Não, eu não tenho objetivo nenhum...

**Vinicius** – Nem a biografia?

**Regina** – Eu tô escrevendo esse livro aí. Agora, eu não sei se vai sair que preste. Tava vendo ali com a minha secretária, passando e corrigindo, né? Quem de vocês mexe com isso? (*nenhum dos entrevistadores responde*)

**Narjara** – A senhora pretende lançar o livro, não é isso?

**Regina** – Sim, quero... Vamo ver se tenho coragem pra fazer isso. Eu tenho até as fotografias do meu tempo!

**Geimison** – Qual a situação do livro? Tá no começo, tá no meio?

**Regina** – (*sorri*) Eu tô pensando que já tô no fim.

**Geimison** – No fim do livro, já?

**Regina** – É... Eu já falei muito, sobre muita coisa, sobre que eu sou uma pessoa que não teve nenhuma rainha, uma Miss Brasil, que não tenha ido ensaiar comigo. Rainha do Algodão. Rainha do Caju. Tudo isso quem fazia aqui em

Fortaleza era eu. (*pausa*) E o meu marido me acompanhava. Ele perdeu a vista, mas nunca deixou de me acompanhar. Eu fazia as coisas... Rainha do Algodão... Miss Ceará... Toda Miss Ceará quem ensaiava era eu.

**Emília** – Como se ensaia uma miss? O que é que tem de aprender?

**Regina** – A andar. E eu vou lhe dizer uma coisa: quando o Diários Associados (*outrora um dos maiores conglomerados de empresas de mídia do Brasil*) me convidou pra ensaiar as misses, eu fui primeiro pro Rio de Janeiro e fiz um curso de desfile (*conta orgulhosa*). Fiz um curso, porque eu não prego prego sem estopa (*ditado popular que significa “não fazer algo sem finalidade”*). Eu faço aquilo que sei. Era eu quem ensaiava todas as meninas.

**Priscila** – E a senhora foi Rainha dos Estudantes, não foi?

**Regina** – Eu fui candidata, ouviu? Não fui rainha, não... (*ela sorri*) Isso quando tinha 16 anos. Teve uma festa... A família Picanço, que me criou, me prestigiava muito. Então teve a festa, e o tio Jurandir foi... Compravam o jornal, pra destacar o recorte (o concurso de Rainha dos Estudantes foi realizado pelo jornal O Povo. Na época a votação era feita através de cupons veiculados na edição impressa do jornal). Era uns montes de jornal pra mim. (*pausa*) Eu fui muito prestigiada.

**Narjara** – O que a senhora faz até hoje para manter essa energia toda que a senhora tem?

**Regina** – Academia. Todo dia eu vou pra academia, pra conversar com o povo e tudo.

**Priscila** – Dona Regina, e o que é que no balé fez a senhora se apaixonar tanto?

**Regina** – Minha filha, foi porque eu escolhi a profissão que eu queria, que eu tinha vontade. Fui ao Rio de Janeiro batalhar por esse balé. E batalhei. E, quando voltei, abri minha academia. E tive confiança do povo de Fortaleza, porque as minhas alunas, dos meus primeiros festivais, eram tudo ó... (*faz gesto simbolizando dinheiro, riqueza*) Sabe quem tocou piano no meu primeiro festival? Foi Esther Salgado Studart (*Esther Barroso Salgado Studart, uma das fundadoras do Conservatório Musical Alberto Nepomuceno, uma das principais instituições dedicadas ao ensino da música no Ceará*) e mais dois pianistas! Meu primeiro balé foi tocado por três grandes criaturas da alta sociedade, e foi de piano, você acredita? De piano!

**Narjara** – No programa Crônicas do Ceará (*exibido pela Tv Ceará*), a senhora falou que o seu sonho era ganhar o troféu Sereia de Ouro (*prêmio anual criado pelo industrial Edson Queiroz para homenagear quatro personalidades que se destacaram no Ceará*)...

**Regina** – Eu já disse isso várias vezes, mas eu não sei por que é que não ganhei! Porque o Hugo Bianchi já ganhou e aquela outra professora (*Regina tenta lembrar, mas não consegue. Referia-se à coreógrafa e bailarina Dora Andrade*) também já ganhou. E eu nunca ganhei.

**Narjara** – A senhora acha importante ganhar esse prêmio?

**Regina** – Ah... Todo mundo ganha? Por que

Após 1h50 de entrevista, os gravadores foram desligados e a conversa encerrada. Todos agradeceram disponibilidade de Regina, que ofereceu refrigerante para os entrevistadores. Ela teria um compromisso no mesmo dia, às 17h, logo após nosso encontro.



é que eu não posso ganhar? Já que eu fui a primeira bailarina de Fortaleza!

**Geimison** – Qual lição a vida lhe deixou e qual mensagem passaria para os mais jovens?

**Regina** – Lute pelo que você quer, porque a gente sofre. Só vence quem lutar pelo que tem vontade de fazer.

**Priscila** – Eu queria saber da onde a senhora tira forças, coragem... Da onde é que vem isso?

**Regina** – De mim mesma. Não tiro de nada, de ninguém, porque eu vivo muito só aqui nesta enorme casa.

**Emília** – Como a senhora gostaria de ser lembrada dentro da história da Dança no Ceará?

**Regina** – Eu acho que o principal da minha vida foi o que eu fiz. O balé... O balé pra mim é tudo!

**Narjara** – E a senhora gostaria de ser lembrada como bailarina, professora, empresária? Como o quê?

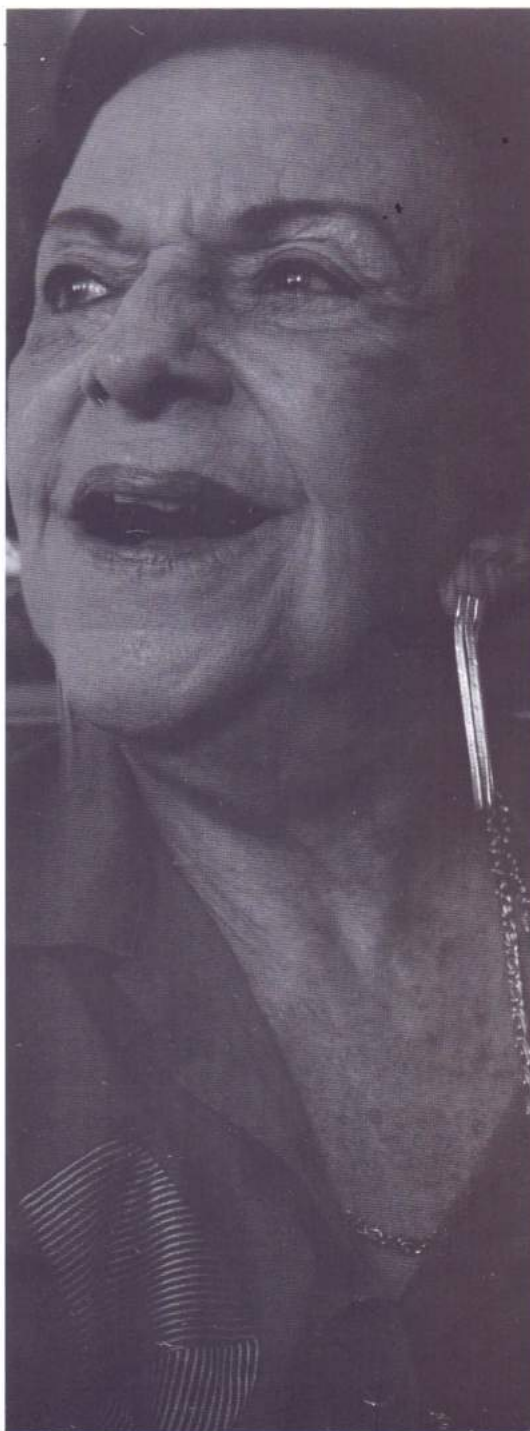
**Regina** – Bailarina-professora, porque grande bailarina eu não sou. Professora. Professora de balé. É o que me levou na vida, ter sido professora de balé. Foi uma audácia muito grande que tive, com 28 anos, com quatro filhos... Com quatro filhos, 28 anos, ter deixado tudo aqui pra ir embora pro Rio de Janeiro fazer curso de balé...

**Priscila** – A senhora se considera uma professora de balé, e não uma bailarina. Sente falta dessa carreira de bailarina profissional?

**Regina** – Não... Eu não sinto, não... De ser bailarina profissional eu nunca quis. Queria ser professora mesmo, transmitir pros outros o que eu tenho dentro de mim: essa força, essa condição de fazer o que se tem vontade.

**Janaína** – Olhando para trás, a senhora vê alguma coisa que deixou de fazer e gostaria de ter feito?

**Regina** – Não, não... Acho que o que eu queria fazer, eu já fiz mesmo.



“Eu acho que o sonho que eu queria era ensinar balé. Gostei de ensinar. E agora eu quero que meu enterro saia de dentro da academia”